

**FOLCLORE:**  
**Entre a Prática e a Teoria,**  
**entre o Fazer e o Poder**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bonzatto, Eduardo Antonio

Folclore : entre a prática e a teoria, entre o  
fazer e o poder / Eduardo Antonio Bonzatto. --  
1. ed. -- São Paulo : Ícone, 2010. -- (Coleção  
conhecimento e vida / coordenação Diamantino  
Fernandes Trindade)

Bibliografia

ISBN 978-85-274-1142-4

1. Cultura 2. Cultura popular 3. Folclore 4.  
Folclore - História e crítica 5. Sociedade 6.  
Tradição oral 7. Usos e costumes I. Trindade,  
Diamantino Fernandes. II. Título. III. Série.

10-08697

CDD-398

Índices para catálogo sistemático:

1. Folclore 398

*Eduardo Antonio Bonzatto*

# FOLCLORE

Entre a Prática e a Teoria,  
Entre o Fazer e o Poder

COLEÇÃO CONHECIMENTO E VIDA

*COORDENAÇÃO*

*DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE*

1<sup>a</sup> EDIÇÃO

BRASIL – 2010

 **icone**  
**editora**

© Copyright 2010  
Eduardo Antonio Bonzatto  
Direitos cedidos à Ícone Editora Ltda.

## **Coleção Conhecimento e Vida**

Coordenação Editorial  
Diamantino Fernandes Trindade

Capa e diagramação  
Richard Veiga

Revisão  
Juliana Biggi  
Marsely De Marco Dantas

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela  
**ÍCONE EDITORA LTDA.**  
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda  
CEP 01135-000 – São Paulo – SP  
Tel./Fax.: (11) 3392-7771  
[www.iconeeditora.com.br](http://www.iconeeditora.com.br)  
e-mail: [iconevendas@iconeeditora.com.br](mailto:iconevendas@iconeeditora.com.br)

*Agosto de 1968: enquanto o mundo  
explodia em protestos, na provinciana  
Olímpia, meu professor José Santana  
nos convocava para transformá-la  
na capital nacional do folclore.*

*À sua memória dedico este livro.*

Eduardo Antonio Bonzatto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em história social, professor e permacultor.

## INTRODUÇÃO, 9

## PARTE I – LORE, 11

Pagode, 17

Taipa, 19

Catirina, 22

Maracatus, 24

A rainha do povo, 27

Dois ditos populares, 28

Iemanjá, 29

A preguiça, 30

As parteiras, 31

Toré, 33

Grupo Cupuaçu, 36

Feijoada, 37

Os chifres, 41

Feiras, 43

*Rap* ou *hip-hop?*, 45

A luta huka-huka, 46

Enchimento de laje, 47

Chá de cozinha e chá do bebê, 49

O carnaval, 50

O *luthier*, 52

Literatura de cordel, 56

Sinapismo, 58

Jogo de peteca, 60

As bruxas da Lagoa da Conceição, 61

Nas trilhas de Sumé: uma lenda, 63

*Happy hour* e cafezinho, 65

RPG, 66

Saci, 66

Como ser um folclorista, 68

Capoeira, 70

Grupo Imbuça, 71

Truco, 72

Confeitaria, 73

Movimento armorial, 75

*Trekkers*, 76

Fanzine, 77

*Chanuca* pernambucano, 78

Mais bumba-meu-boi, 80

Mais ditados, 83

Umbanda, 84

Conclusões parciais, 88

## **PARTE II – FOLK, 89**

Noites amazônicas, 90

O trigo não tem dono, 96

O quebra quilo, 99

A ciência, a política e o saci, 106

O manifesto regionalista, 116

A educação como redução, reprodução e preconceito, 123

A viagem ao coração das trevas ou uma temporada no inferno, 132

A educação como panaceia, 140

Folclore e política, 156

O regional e o nacional, 179

A ideia deste livro surgiu de uma recusa: não aceito de maneira alguma a categoria “povo”; sobretudo porque esse “universal” foi construído para homogeneizar as relações e experiências que são sempre únicas, conferindo aos grupos, acordos e vínculos expressos, tanto pelo efêmero quanto pelo permanente, numa equação que jamais se repete.

O povo não existe! Nem tampouco o popular, o senso comum, o vulgo. É uma forma de empacotar a diversidade numa embalagem de cristal: pode até ser bonito, mas nada diz, nada informa, exceto o vazio assustador de seu reflexo.

Ao contrário, essas experiências são tão dinâmicas, tão fluidas, que é impossível classificá-las.

Junto com a categoria “povo”, o folclore nasceu para aprisionar aquelas experiências em um rótulo sempre pejorativo, porque rótulo de subalternidade e de menosprezo, ainda que diante das máscaras da curiosidade e do paternalismo, ou, mais recentemente, do consumo analgésico de cultura popular.

Tento aqui resgatar a alegria das relações patrocinadas pelo grupo em oposição à teoria, que torna a realidade tão chata como uma folha de papel, sobre a qual rabisca-mos arabescos; pois no fazer da alegria, no círculo mágico que nasce das sociabilidades coletivas, incomodado, o poder geralmente se ausenta e fica de tocaia, aguardando a oportunidade em que a intensidade do jogo reflui e os sujeitos se afastem para suas solidões.

Na primeira parte, chamada *Lore*, resgato essas práticas coletivas singulares e não programáveis. Apresento sugestões de sociabilidades que potencializam a alegria, além de critérios que estimulem o resgate e o fazer de outras experiências. Afinal, a crítica só se torna possível a partir de um conjunto de critérios previamente revelados.

Na segunda parte, chamada *Folk*, analiso o poder e a historicidade de uma tradição bastante recente que retira de seu tempo e de seu ambiente a ventania e a enclausura num palco. Aponto também as razões que conferem ao poder a leucemização dessas experiências.

O intenso fazer sempre refeito sobrepõe-se ao poder ou, ao menos, é capaz de inibi-lo, de senti-lo apequenar-se, de vê-lo recolher-se a seu invólucro de raiva e regeneração.

Uma alegria autêntica sempre frutifica das intersubjetividades fortuitas que o fazer proporciona.

O poder? O poder desfaz! Desfaz tudo e refaz de outro jeito, mas tão delicadamente, tão imperceptivelmente, como só um arquiteto de nuvens faria.

## LORE

*Nada ofusca o colosso de um milhão de olhos;  
ele vê tudo: até os punhais escondidos*

Restif de la Bretonne

Os estudos sobre folclore, a princípio, buscam uma separação entre os conhecimentos “científicos” e os saberes “populares”. Portanto, entender a dimensão do folclore significa compreender as razões dessa diferenciação entre cultura popular e cultura erudita.

Essa nossa história começa com o Iluminismo que, em poucas palavras, consiste no momento em que os homens sistematizaram a ideia de ciência, organizando todos os saberes possíveis então em torno da *Enciclopédia*, que era muito parecida com as enciclopédias que temos hoje

em dia, a *Barsa*, a *Delta Larousse* e que procuram guardar uma grande quantidade de informações sobre “todos” os assuntos. Era o século XVIII e a humanidade passava a explicar o mundo com as ferramentas centradas no homem, diferenciando-se do modelo que buscava explicá-lo pela lógica religiosa, até então vigente e que regulamentava a vida dos homens com as regras da Igreja.

Isso, naturalmente, fez com que os homens que dominassem esses conhecimentos se diferenciassem de todos os outros. Como faziam parte de uma classe social chamada “burguesia”, detentora do poder econômico, conquistaram igualmente o poder político. Foi a chamada “Revolução Francesa”.

Claro que aqueles que não possuíam nem o poder econômico, nem o poder político tiveram os seus saberes colocados numa posição inferior na hierarquia social, para que isto justificasse sua própria inferioridade social. Foi assim que na Inglaterra iniciaram-se os estudos sobre “*Folk lore*”, que textualmente significa “coisas do povo” ou “ciência do povo”, cujo criador foi o arqueólogo inglês Willian John Thoms que, em 1846, envia uma carta à revista *The Athenaeum* de Londres sobre uma pesquisa dos usos, costumes, tradições, canções, lendas, mitos, ditos populares de diversas regiões da Inglaterra. Era 22 de agosto e este passou a ser o dia internacional do folclore.

Mas, sobretudo, necessitamos historicizar este termo, carregado de um caráter tão pejorativo que afirmar que alguém ou alguma coisa é “folclórica” significa denunciar seu exotismo, quase sua vulgaridade.

Vamos a um outro tempo, atrás de indícios de sua constituição, portanto. Durante o séc. XVIII, em algumas regiões da Inglaterra, grandes massas humanas revoltaram-se, destruindo tudo que encontravam pela frente. Passados muitos anos, quando os historiadores observaram esses fenômenos, compararam com a produção de alimentos e perceberam que tais revoltas deveriam estar acontecendo pela fome, já que distúrbios climáticos haviam, nesses períodos, reduzido, em muito, a produção de trigo, base alimentar daquela região.

No entanto, um outro historiador<sup>2</sup> retrocedeu suas pesquisas ainda mais, no passado, e recuperou uma antiga convenção local que ditava que a primeira safra de trigo deveria ser vendida na porta do moleiro a preço justo, sem ir para o mercado. Quando, no séc. XVIII se instituem os novos mecanismos do capitalismo, que aplicam a lei da oferta e da procura aos produtos, de tal sorte que, quando há escassez, o preço sobe, o dono do trigo preferia ignorar a tradição e vender esta primeira safra no mercado, embolsando o lucro extra. Segundo este historiador, as revoltas detectadas eram, na verdade, uma pressão pelo cumprimento da tradição, ou seja, que a primeira fosse vendida aos pobres antes de chegar ao mercado.

Pressões semelhantes ocorreram por todo o séc. XVIII em toda a Europa.

Outra consideração que devemos observar diz respeito à necessidade, durante o séc. XIX, da criação de

---

<sup>2</sup> THOMPSON, E. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

tradições que não existiam anteriormente. Tal necessidade tem a ver com a formação dos estados nacionais e com a emergência de uma burguesia sem nenhuma tradição, como havia sido o caso da nobreza, cuja linhagem retrocedia há vários séculos.

O *kilt*, aquele saiote dos escoceses, foi criado no final do séc. XIX, e conferia legitimidade às elites locais em sua relação com a tradicional nobreza inglesa.

No Brasil, especificamente em São Paulo, os novos ricos cafeicultores paulistas necessitavam de um amparo legítimo na tradição. Escolheram para isso a figura dos “bandeirantes”, homens corajosos, barbudos, trajando cota de couro e arcabuz, indômitos que avançavam pelos matos do interior perigoso do Brasil, caçando índios e buscando o precioso e vil metal. Passaram a denominar-se como “paulistas quatrocentões”, justamente vinculando-se a esta história. O grande problema é que os tais bandeirantes não eram nada disso.

São Paulo havia ficado isolado por vários séculos durante o período colonial. A Serra do Mar funcionara como um grande paredão, impedindo a exportação de riquezas. O resultado é que sua população acabou assimilando muito da vivência indígena, a ponto de esquecerem a própria língua. Em sua grande maioria, falavam a língua geral dos indígenas, andavam descalços, viviam premidos pela fome e pela necessidade, tinham uma barba muito rala e poucos índios.

Todavia, a imagem que nos fica é a de homens imensos, sendo Borba Gato o referencial iconográfico, justamente o que precisavam as elites cafeicultoras paulistas.

Voltemos um pouco à questão da tradição. Tão logo aquelas pressões pelo cumprimento da tradição alastraram-se perigosamente, Willian John Thoms forja o termo “folclore”, tornando tais demandas curiosidades vazias que devem ser observadas em seu exotismo.

Para que essa ilustração se torne mais clara, pensemos nos nossos próprios exemplos. O saci-pererê é caracterizado como um “negrinho” de uma perna só que atazana a fazenda, dando nó em crina de cavalo, colocando fogo no milharal, agente de inúmeras traquinagens. Retirá-lo da condição de subversivo e mitificá-lo significa esvaziar todo seu potencial político, menosprezando seu perigo.

Outro exemplo característico é o Bumba-Meu-Boi, no qual o capataz da fazenda, tendo a mulher grávida possuída por uma vontade irresistível de ter a cabeça do melhor boi do patrão, acaba por ceder e corta a cabeça do dito boi. Em ambos os casos, pensemos nas grandes unidades produtivas escravistas, na ordem desejada e nunca conseguida plenamente. Retire seus agentes desordeiros e coloque-os num outro “lugar”; suas ações terão, necessariamente, outro caráter.

Resta, talvez, acrescentar que todos os folcloristas brasileiros tiveram, em um momento ou outro, ligações com o integralismo, uma proposta política que tinha muita semelhança com o nazismo.

O que temos, em suma, é que, durante a formação dos estados modernos e das nações, enquanto uma classe social, desprovida de qualquer tradição tivera que “inventar” uma referência simbólica, um passado e uma tradição,

já que sua ascensão havia sido fundamentada no poder do dinheiro que o capitalismo emergente proporcionava, outro grupo social teve seus vínculos com uma tradição muito antiga, na qual baseavam suas demandas, erradicada pelo conceito do folclore. A partir de então podia ser ouvido: “Isto nunca existiu, são crenças populares!”, de um lado, enquanto de outro, “Veja, este tecido guarda uma linhagem muito antiga, que remonta há séculos, a linhagem do meu nome!”. De um grupo retirou-se um corpo de tradição e de outro se inventou tradições que jamais existiram.

Mas não devemos nem acompanhar esse tipo de preconceito construído, nem nos render a algum tipo de simplificação quanto à natureza desses estudos.

Felizmente, hoje em dia, já se percebeu a importância de se conhecer as formas de pensar e de se entender o mundo das chamadas camadas populares. Normalmente a forma de transmissão desse tipo de conhecimento é a oralidade, ou seja, uma geração “conta” para a seguinte os seus conhecimentos e assim chega até nós essa tradição.

Alimentação, remédios naturais, sinapismos, técnicas artesanais, literatura de cordel, são formas riquíssimas de expressão e de cultura com as quais não podemos nos apartar.

Todavia, o fato folclórico, anônimo, clássico, não será aqui respeitado. Algumas vozes captam, como antenas, a glosa da massa, o ruído, por vezes incômodo, que grassa nas bocas e gritam alto, às vezes alto demais para que nos finjamos de morto. Ouçamo-las!!

Esse livro tem, portanto, a intenção de compilar um conjunto de práticas que as pessoas de várias regiões incorporam, geração após geração, à sua vivência cotidiana, construindo redes de solidariedade tanto nos meios rurais quanto urbanos, extrapolando a ideia de que folclore seja o estudo das lendas e mitos de um povo, embora isto se inclua nessas verdadeiras redes de interação social. Capturando, inclusive, os aspectos de resistência que tais grupos demandam.

Aos olhos mais treinados nas coisas do folclore parecerão estranhos alguns itens deste desprezioso texto. Será folclore algumas reuniões femininas? Ou a cobertura festiva da suada casa própria? E algumas outras surpresas aguardam esses olhos.

De fato, o folclore do título, propositadamente indagativo, é um pretexto, ou como querem os puristas, um pré-texto para provocar a convergência das pessoas, para o encontro, desde que carregado de algum significado, encontro produtivo, portanto, fraterno e invulgar, que remove tanto o conceito quanto, e principalmente, o pré-conceito, esse estranho capricho de dados que importamos com os pés, na algibeira sortida de nossa existência.

## PAGODE

A origem da palavra pagode vem do sânscrito e significa templo religioso, como é denominado tanto na China quanto na Índia.

Ninguém realmente sabe explicar por que a palavra tomou, no Brasil, o significado de brincadeira e de cantoria.

Ademais, não fica restrita à reunião das pessoas munidas de uma série de instrumentos percussivos, além do cavaquinho e, vez por outra, do violão, nos pontos mais variados das grandes cidades do sul e sudeste do país para cantarem pagodes. Grupos como *Negritude Júnior*, dentre tantos outros, favorecem a veiculação dos temas e permitem o vislumbre de jovens pobres das periferias, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, emergirem para o sucesso.

No entanto, em outras partes do Brasil o pagode assume outras manifestações, como o *coco alagoano*, música e dança típica tocada exclusivamente com chocalhos e que congregam pessoas em torno de um tema comum.

Ou então o pagode apresentado numa região oriunda de quilombo no Amazonas, chamada Amarante, tocado com os gafanhotos, que não são outra coisa que castanholas e que congregam toda a comunidade do lugar num verdadeiro espírito de festa.

Assim, o pagode abre esse conjunto infinito de atividades que circula por caminhos às vezes insuspeitos, assumindo variantes, mas que contemplam, sempre, a reunião festiva de pessoas, movidas por um fio, por vezes longo, que as liga aos antepassados e que, como um amálgama, consolidam-nas solidariamente e lhes dão identidade.

*Nos meus singelos versinhos  
O leitor vai encontrar  
Em vez de rosas, espinhos  
Na minha penosa lida  
Conheço do mar da vida  
As temerosas tormentas  
Eu sou o poeta da roça  
Tenho mão calosa e grossa  
Do cabo das ferramentas*

## TAIPA

Dentre uma vasta gama de conhecimentos socialmente significativos, começaremos nossa viagem pela estrutura da casa.

Durante quase quatrocentos anos os brasileiros desenvolveram uma alta tecnologia na construção de suas habitações. Aprendidas lentamente com as várias culturas indígenas e com as inúmeras culturas africanas que por aqui se amalgamaram, sem esquecermos uma forte contribuição de europeus, a taipa significou, até o século XIX em seu derradeiro momento, o padrão de construção do Brasil.

Taipeiros eram igualmente escravistas, o que demonstra o alto grau de prestígio que a profissão conferia. E não confundamos a taipa com a chamada casa de pau a pique, ou seja, com a precariedade.

A tecnologia da taipa permite a construção de habitações que, além de sólidas, com paredes de espessura de

até 30cm, estejam adaptadas ao clima quente, uma vez que sua combinação de barro, areia e certo tipo de terra, prensada por pranchas e socada com pilão, criam uma temperatura interna sempre constante da ordem de 22 graus Celsius.

No entanto, no início do séc. XX, interesses diversos obrigaram a uma alteração nessa forma tradicional de construção de casas. Tijolos e cimento, aliados à ideia de modernidade, contribuíram para a extinção dos taapeiros e todo um saber foi definitivamente erradicado.

Curioso é que hoje, quando o problema da habitação de baixo custo deve ser equacionado, taapeiros norte-americanos oferecem essa tecnologia para que nós, brasileiros, construamos nossas casas de taipa, uma vez que por lá, até mesmo mansões são construídas de taipa. Onde será que eles aprenderam?

Mas, afinal, como se faz uma casa de taipa?

Recomenda David Easton, arquiteto americano vinculado a organizações que promovem a circulação de técnicas de barateamento de custos na construção de casas, que uma construção em terra crua tem de ter “um bom chapéu e um bom par de botas”, ou seja, beirais largos e fundações acima do piso.

O local escolhido deve ser plano e ter facilidade para obtenção de terra. A fundação deve ser de concreto armado, com 3 barras de ferro 3/8.

A boa qualidade da taipa depende, principalmente, de 2 etapas: a seleção/dosagem do solo e a compactação.

A porcentagem ideal é de 30% de argila e 70% de areia. Misture e peneire para dissolver e eliminar as raízes e as pedras.

Para saber o volume necessário dessa mistura, a fórmula é simples:  $m^2$  de parede  $\times$  espessura da parede  $\times 1,60 =$  volume de terra necessário em  $m^3$ .

Construa as formas das paredes em placas de madeira e depois compacte obstinadamente.

Segundo Easton, “os arquitetos devem preocupar-se em criar moradias através do uso inteligente das reservas do planeta”.

No Brasil, as experiências de construção de casas de baixo custo sempre funcionam quando aplicam o sistema de mutirão, ou seja, quando toda a comunidade se junta para efetuar o trabalho num terreno, depois no outro e assim por diante, seguindo de perto o dito: “um por todos e todos por um”.

Vejamos o que diz Paulo Pereira em seu livro *Negando a tradição: Tebas e a negação das construções de taipa em São Paulo*: “Ao romper com sinais que lembravam o passado, não fez só demolir a taipa. Ao impor a reconstrução da cidade com tijolos, a elite cafeeira fez esquecer o conhecimento do construir com taipa e, sobretudo, relegou as condições sociais para a existência dos taapeiros”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Todo o material sobre a taipa foi retirado de um folheto instrucional produzido pelo Instituto Latino Americano.

*Por força da natureza  
Sou poeta nordestino  
Porém, só conto a pobreza  
Do meu mundo pequenino  
Eu não sei contar as glórias  
Nem também conto as vitórias  
Do herói com seu brasão  
Nem o mar com suas águas  
Só sei contar minhas mágoas  
E as mágoas do meu irmão  
De contar a desventura  
Tenho sobrada razão  
Pois vivo de agricultura  
Sou camponês do sertão  
Sou caboclo roceiro  
Eu trabalho o dia inteiro  
Exposto ao frio e ao calor  
Sofrendo a lida pesada  
Puxando o cabo da enxada  
Sem arado e sem trator*

## CATIRINA

Depois da estrutura da casa, vamos conhecer a mulher que habita esta casa. Seu nome, Catirina, figura importantíssima de nosso imaginário popular, contrapõe-se à Amélia, que “ficava feliz quando não tinha o que comer”. Catirina está grávida e quer comer comidas exóticas e, por que não? A mais exótica de todas: a língua do boi mais querido do patrão de seu marido.